



O CORPO MACABEÇA: A diversidade da juventude no contexto dos grupos de jovens

Hercilene Maria e Silva Costa¹

Resumo

Este artigo versa sobre a pluralidade de conceitos produzidos por estudantes acerca do tema grupo de jovens, a partir da técnica de investigação denominada corpo coletivo ou boneco simbólico. O estudo foi executado através de oficinas e balizado pelo método da Sociopoética, que chama atenção para as potências do corpo na produção do conhecimento. Nesse estudo, nos embasamos, entre outros, em: GAUTHIER (1999); ABRAMOVAY (2002); HALL (2002). Analisando os dados, identificamos quatro linhas de pensamento no grupo. Na primeira linha, que denominamos – **grupo cabeça da imaginação** -, os jovens buscam a descontração e novas experiências; na segunda linha – **grupo mente boa** -, os jovens se atraem com ou sem objetivo comum. Aqui eles têm consciência de suas singularidades e diversidades de mentes; na terceira linha – **grupo mãos de jovens** -, as mãos se transformam em olhos; na quarta linha – **grupo boca livre** -, através da fala os jovens expressam seus pensamentos. Outros achados relevantes dizem da pluralidade conceitual do **SER JOVEM**, no qual são descritos diferentes tipos de jovens. O jovem **radical**, ligado em tudo à sua volta; o jovem **comunicativo**, troca conhecimentos através da comunicação; o jovem **observador**, transforma o conhecimento de hoje em coisa boa para o futuro.

Palavras-chave: Sociopoética. Grupos de Jovens. Corpo Coletivo.

Recebido em: outubro/ 2011 - Aceito em: novembro/2011

1 Professora Assistente da Universidade Estadual do Piauí, Brasil. E-mail: mahercicosta@yahoo.com.br



THE “MACABEÇA” BODY: THE DIVERSITY OF YOUTH IN THE CONTEXT OF YOUNG GROUPS

Abstract

This article is about the plurality of concepts produced by the students about the theme of young group, considering the investigative technique called collective body and the symbolic doll. The study was executed by workshops and mediated by the Sociopoetic method that outlines the body strength to the knowledge production. This text is supported by others as Gauthier (1999), Abramovay (2002), Hall (2002), among others. Through the data analyses, four thinking lines were identified: in the first one, called imaginative head group, the Young people look for fun and new experiences; in the second one – fresh mind group – in which young people attract themselves with or without common objective and are aware of their singularities and diversities of minds; in the third one – young people`s hands group -, in which hands are transformed into eyes; in the fourth line – open mouth group – in which, through speech, young people express themselves. Other relevant results demonstrate that the conceptual plurality of BEING YOUNG is composed by different types of young people: the radical one, connected to everything around him; the communicative one, who exchanges knowledge through communication; and the observer one – who transforms current knowledge into profit for the future.

Keywords: Sociopoetic. Young groups. Collective body.

“A alma da mocidade, arrancando voo, liba em todas as flores, experimenta todas as sensações, saboreia de todas as taças, quer doce, quer amarga, e só à custa de experimentar, saberá o que é a vida”.

François Chateaubriand

Este artigo versa sobre a pluralidade de conceitos produzidos por um grupo de alunas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), acerca do tema **grupo de jovens**, a



partir de uma técnica de investigação denominada **corpo coletivo** ou **boneco simbólico**. O estudo foi balizado pelo método da **Sociopoética** e executado através de oficinas de **negociação** do tema, **produção e análise de dados**.

Minha aproximação da Sociopoética deu-se a partir do ano 2000, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará e realizei meus estudos de mestrado com o referido método. Desde então, tenho me envolvido sistematicamente com práticas sociopoéticas e atividades afins tanto na pesquisa, como no ensino e na extensão.

A Sociopoética é um método de pesquisa e aprendizagem orientado pelos seguintes princípios básicos: os atores da pesquisa participam de todas as fases da pesquisa como copesquisadores, tendo responsabilidades e direitos iguais ao do pesquisador oficial; valorizam-se as culturas dominadas e de resistência.

Esses princípios aproximam a Sociopoética da Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, de quem assume ter herdado o “coração”, que é o dispositivo do grupo-pesquisador. “Permitir que os grupos objetos de pesquisa tornem-se sujeitos, é colaborar para realização da ‘utopia concreta’ na qual a divisão do trabalho manual e intelectual, fonte de opressões milenares, seria eliminada” (GAUTHIER, 1999, p. 7).

A Sociopoética chama atenção para as potências do corpo na produção do conhecimento. Pois, além da razão, a emoção, a sensibilidade e as sensações também pensam. Desse modo, operando o reencontro das dimensões humanas no pesquisar, conhecer e aprender, a Sociopoética propõe a junção entre arte, ciência, política e espiritualidade.

Na Sociopoética, a investigação obedece aos seguintes momentos: formação do grupo pesquisador; escolha do tema a ser pesquisado; produção de dados; análise e experimentação dos dados e socialização. O fato de a Sociopoética incentivar uma expressão simbólica, menos racional, favorece o necessário estranhamento que todo processo de conhecimento pressupõe, ajudando a descobrir faces não aparentes do tema explorado. Assim, tanto na fase da



produção de dados, como na análise, o grupo de copesquisadores revela a heterogeneidade de pontos de vista e vivências, portanto,

[...] a Sociopoética é um revelador e catalisador da heterogeneidade, muitas vezes encoberta por uma aparente homogeneidade. O preparo individual no grupo favorece a autonomia dos membros do grupo-pesquisador (GAUTHIER, 1999, p. 60).

Na nossa pesquisa, o processo de formação do grupo pesquisador iniciou-se com a apresentação da proposta de pesquisa às turmas de 1º bloco de diferentes cursos da UESPI. Ressaltamos, na ocasião, que estaríamos usando técnicas diferenciadas de pesquisa, explorando dimensões que já favorecessem a fruição do imaginário² e a criatividade do tipo artística.

Por ocasião desse chamamento nas turmas, explicamos que pretendíamos trabalhar com um grupo de no máximo 20 pessoas. Informamos, também, que a investigação aconteceria através de oficinas, na própria universidade, em horário e espaço a serem negociados no nosso primeiro encontro.

Apesar da nossa preocupação em garantir a diversidade de gênero e de áreas de estudo, o grupo-pesquisador foi formado apenas por mulheres, sendo a maioria estudantes do curso de Pedagogia, e por duas alunas de uma escola pública de Ensino Médio, situada nas imediações do *campus*. As referidas alunas foram convidadas por ocasião de visita/chamamento feita na escola pela bolsista da pesquisa.

Esse convite tem sintonia com o princípio freireano de democratização dos saberes. Nosso propósito foi tentar romper, de alguma forma, com o visível distanciamento entre acadêmicos e não acadêmicos. Infelizmente, não fomos bem sucedidas no nosso intuito, pois apenas duas alunas tiveram coragem de vir à universidade, e,

2 Segundo J. Gauthier, devemos “entender o imaginário como uma interface entre o real e o simbólico, como um lugar de jogo entre o coletivo e o individual, sendo o seu modo de existência a dialética entre a história coletiva e a história individual; dialética aberta, que possibilita devires singular e efetivamente inesperado” (1998, p. 124).



mesmo assim, não participaram de todo o processo, confirmando, para nós, que o forte isolamento da universidade com relação à comunidade é um problema que precisa ser encarado com efetiva seriedade por todos os educadores que se dizem comprometidos com a melhoria da qualidade da escola pública. Nesse contexto,

[...] é notório tanto o desconhecimento que a comunidade tem da realidade acadêmica, como a falta de contato dos universitários com a realidade concreta onde deverão atuar profissionalmente, gerando-se assim a tão criticada dissociação entre teoria e prática (COSTA, 2009, p. 1).

Dando continuidade às atividades, passamos a ligar para as pessoas, ratificando o chamamento inicial e agendando nosso primeiro encontro. Assim, começamos no dia 19/05/2004, com a presença de nove copesquisadoras.

Para investigar o tema proposto, realizamos oito oficinas e utilizamos três técnicas de produção e análise de dados. Dada a limitação de espaço dessa escritura, estaremos focalizando apenas a técnica do “**corpo coletivo**”.

2 Oficina de Produção de Dados: a técnica do corpo coletivo ou “boneco simbólico”

A técnica do boneco simbólico foi vivenciada na oficina do dia 26/05/2004 e teve como objetivo expressar a relação do grupo com o tema identidades e diferenças nos grupos de jovens, a partir do corpo, e como esse corpo coletivo vai se construindo a partir da experiência de cada participante e do grupo, ou seja, os sentidos assumidos pela temática em interação com o(s) corpo(s).

A técnica de construção do boneco simbólico na nossa pesquisa teve como suporte um relaxamento coletivo, no qual cada participante foi convidado a imaginar o seu próprio corpo e de forma individual escolher a parte mais significativa desse corpo na relação com o tema da pesquisa. A ideia era propiciar às pessoas um encontro com os sentidos produzidos pelo corpo nas suas experiências nos grupos de jovens.





Assim, uma das facilitadoras solicitou que todos procurassem a posição mais confortável possível sobre as cadeiras. Pedimos inicialmente que controlassem a respiração, num movimento lento e reiterado de inspiração e expiração, e, de olhos fechados, procurassem relaxar, partindo dos pés e distendendo cada parte do corpo progressivamente, até a cabeça.

Em seguida, a facilitadora sugeriu que se concentrassem, focando a atenção no próprio corpo, que imaginassem o ar colorido por bolas transparentes e de todas as cores, que envolviam todo o ambiente e tudo que nele havia. Pedimos que respirassem, prestando atenção nesse ato, e imaginassem que, ao respirar, colocavam essas pequenas bolas coloridas para dentro de seu corpo. O ar, através das bolas coloridas iria percorrer cada membro, cada órgão, enfim, todo o corpo.

A cada inspiração, sugeríamos que mais bolinhas coloridas enchiam os corpos levando a atenção para determinadas partes do corpo. Cada expiração expulsava algumas bolinhas e capturava outras. O objetivo era centrar a atenção, progressivamente, no ambiente, no próprio corpo e no próprio pensamento. Quando percebemos que as pessoas haviam baixado minimamente os seus níveis de consciência, sugerimos que cada um se concentrasse na parte mais significativa do seu corpo, e perguntamos: **Que parte é essa? Como essa parte se relaciona com o tema grupo de jovens?**

Depois pedimos que fizessem o registro escrito da vivência e também que confeccionassem a parte do corpo escolhida utilizando material posto à disposição - jornal, cola, tinta, canetas, pincéis etc.

Após a produção individual, em pequenos grupos e conforme parte do corpo escolhida, os participantes verbalizaram a experiência que tiveram, registrando o que foi comum e o que não foi. Após esse momento, organizaram as “peças”, partes do corpo que fabricaram, em uma exposição, como em um museu. Todos puderam ver as peças em sua totalidade e fazer comentários sobre elas.

Seguida à exposição, pedimos que, com as peças criadas, formassem um corpo coletivo e dessem um nome a ele. Assim,





nasceu **MACABEÇA**³: boneco simbólico, alegoria, metáfora criada pelo grupo para atribuir sentidos à juventude, aos jovens, evidenciando identidades e diferenças expressas nas suas relações em grupo.

3 Análise dos dados: mapeando os conceitos de grupos de jovens no corpo de Macabeça

A partir da produção individual, solicitamos que registrassem por escrito a parte do corpo escolhida, justificando a escolha. Nesse ponto, o grupo já estabeleceu relação entre a parte do corpo e as **características dos grupos de jovens**.

Em um **grupo de jovens**, a parte do corpo que está relacionada com as características de um grupo jovem é a **cabeça**, a “mente”, pois é onde se processa o pensamento, as **ideias**, o **conhecimento**. O grupo de jovens está em busca de **descontração**, **novas experiências**, favorecendo também as outras partes do corpo, as **emoções** e o relacionamento com o grupo. A mente permite que o jovem tome atitudes para a busca de seu bem-estar junto ao grupo.

Nessa viagem, imaginei as **mãos** como a parte do corpo mais importante para sentir outra pessoa, pois, se fechar os olhos e tocar com as mãos o outro pode imaginar a sua **identidade**, seus traços, enfim **com as mãos somos capazes de ver com outros olhos**, sem receio, **sem preconceitos**, numa atividade de conhecimentos.

A **cabeça**, porque ela **orienta nossas atitudes** e faz com que vençamos os obstáculos. A **imaginação** é indispensável, nos proporciona **realizar várias coisas**.

A **cabeça** nos consola muito, uma mente boa nos livra de muitos sofrimentos, sejam eles, preocupações ou até um **membro do nosso corpo** que não possa funcionar **igual** ao do próximo. A **diferença** está entre nós seres humanos. **A estética é importante, mas todos nós sabemos que não podemos ser idênticos**. O legal do **grupo de jovens** é a **diversidade** da mente.

A parte do corpo que escolhi foi a **boca**, pois é através dela que falamos o que pensamos o que queremos dizer às pessoas.

3 Boneco simbólico produzido em oficina, através da técnica do corpo coletivo. Recebeu o nome em alusão ao personagem Macabéia, do romance A Hora da Estrela, de Clarice Lispector.





A analogia estabelecida entre corpo e grupo, a partir da escolha de partes do corpo, revela similaridades e diferenciações que expressam a diversidade presente nos grupos de jovens, confirmando o que Chaves (2009, p. 03) propõem-nos, afirmando que “a construção de identidades perpassa um empreendimento em torno do corpo, que é explorado [] pelos jovens, no sentido de se diferenciarem e de estabelecerem singularidades [...]”.

Seguindo o processo de análise, o grupo também escreveu sobre a relação entre Macabeça e o SER JOVEM.

Macabeça tem relação com os jovens que **não conseguem interagir** com outros, por **se sentirem inferiores em alguns sentidos, seja econômico, social, racial** ou qualquer outro. Identifica-se com os jovens nas suas **diversidades. Cada face do boneco representa um jovem diferente.**

Macabeça, como todo jovem **busca uma verdadeira identidade, um estilo próprio para viver**, e no grupo de jovem ela se identifica com os outros jovens, pois no grupo ela se depara com outras opiniões, vivencia outras experiências.

Nesse ponto, dialogamos com CASTRO (2002), quando esse nos afirma que:

Em contextos sociais marcados, dentre outros aspectos, pelas diferenças e desigualdades, a juventude deve ser pensada em suas múltiplas dimensões, buscando compreender de que maneiras os jovens, na sua diversidade, vivenciam os problemas dessa fase da vida. As diferentes juventudes são marcadas pelas (im) possibilidades relacionadas às desigualdades e que parecem ser condicionantes estruturais para negar o direito à cidadania a muitos desses jovens. Entretanto, o exercício de brincar, de se divertir, de (re) inventar linguagens próprias, de formar-se e informar-se culturalmente, apresenta-se como necessidade para que todos experimentem e exercitem a mesma cidadania como um direito. Os espaços e formas de lazer, nesse sentido torna-se uma dimensão privilegiada de participação juvenil. (CASTRO, 2002, p. 21)





Seguindo o processo de análise de dados pelo grupo, solicitamos que as copesquisadoras, numa associação livre de ideias continuassem falando sobre a produção, Macabeça, e sua relação com o tema. As falas analíticas do grupo foram gravadas e depois transcritas. O resultado está expresso nos relatos abaixo.

Macabeça representa as várias faces da vida de um **grupo de jovens**, pois são vários os grupos de jovens que **se diferenciam** em seu **modo de pensar** sobre o mundo, de agir sobre cada momento e até no **modo de viver** a vida.

Nessa fala, a copesquisadora associa beleza interior e exclusão social a conceitos de **juventude**, revelando **diferenças e identidades nos grupos de jovens**.

Nesse caminho, encontramos Abramovay (2002) a nos ensinar que,

[...] ainda que as diferenças sejam marcantes, existem algumas características que parecem comuns a todos os grupamentos juvenis, estendendo-se a todos independentemente de suas condições objetivas de existência. Dentre elas, destacam-se: a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; a incerteza diante dos desafios. (ABRAMOVAY, 2002, p. 126)

Partindo desse entendimento, refletimos que, atualmente, a discussão em torno do conceito de juventude tem trilhado novo caminho no que diz respeito às características de identidade dessa categoria. Trata-se, neste momento, da opção pela troca do termo juventude por juventudes. A expressão utilizada no plural objetiva enfatizar as diversidades de juventude que podem ser analisadas, segundo alguns fatores categóricos que se tornam primordiais na classificação, tais como: classe social, cor, sexo e grupo social. Nesse sentido, Hall (2002) nos alerta que

[...] a imagem do jovem que se cristalizou na sociedade atual traz uma forte característica de metamorfose, de aglutinação, de inconstância, de incerteza e de desvinculação, enquanto representação de uma categoria fragilizada





e vulnerável. Em contrapartida, os jovens representam, também, uma categoria consciente e desafiadora na busca de novos valores sociais, morais e afetivos, que sejam capazes de reestruturar sua identidade. (HALL, 2002, p. 15).

Ainda segundo o autor acima, “o sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (2002, p. 13).

Também entrevistamos o grupo com o objetivo de aprofundarem a análise do boneco (corpo) coletivo. Nesse momento, quem quisesse poderia comentar, associar, propor. Queríamos saber, por exemplo, quem era **Macabeça** e porque tinha esse nome. Essas entrevistas foram gravadas e depois transcritas em forma de relatos. Para preservar a identidade das pessoas, decidimos apresentá-las aqui através de codinomes.

Uma das copesquisadoras destaca a produção coletiva de conhecimento, através da criação do boneco simbólico, ao dizer que,

Macabeça é a junção de várias ideias, pensamentos, onde as principais são as perspectivas de um futuro melhor, a busca de **conhecimento**, a **paz**, as **drogas**. Feita por um grupo com a participação de todos interagindo entre si. Foi batizada assim porque foi associada à **MACABÉIA** e porque tem a cabeça grande (são três cabeças em uma). (**Cristal**)

Topázio dá continuidade à análise, refletindo acerca do fato de Macabeça ter diferentes faces,

[...] mostra que cada jovem tem um modo próprio de ser e viver. Temos o **jovem radical**, que está sempre “ligado” nas coisas em sua volta. O **jovem comunicativo**, que se comunica para trocar conhecimento. E o **jovem observador** que retém a experiência para si como coisa boa para seu futuro. (**Topázio**)

Ametista também relaciona Macabeça aos grupos de jovens, ao concluir dizendo que:

MACABEÇA, como todo jovem, busca uma verdadeira **identidade**, um **estilo próprio** para viver. No grupo de jovens ela se identifica com os outros jovens. No grupo, ela também se depara com outras opiniões, com experiências diferenciadas. (**Ametista**).





Os dados acima mostram que a opinião e os estilos próprios, as novas experiências e os conflitos de opiniões delineiam as diferenças e identidades dos jovens na sua convivência em grupo.

Pérola contribui, evidenciando que MACABEÇA

[...] é uma **jovem** que está procurando situar-se na sociedade, ela é muito curiosa e perseverante e quer saber como tudo funciona, o porquê de tudo, pois ela está **confusa**. Ela estuda, quer trabalhar, quer se relacionar com os outros jovens, na escola, na igreja, na rua. MACABEÇA **quer entender** o porquê de tantos jovens no crime, nas drogas, na prostituição. Ela quer ajudá-los. Ela chama-se MACABEÇA porque é muito cabeça, e quer ajudar esses jovens que são jovens como ela. (**Pérola**)


Conclui, refletindo que as diferentes faces de Macabeça são como nossos jovens,

[...] uns são mais reservados, não gostam muito de se expressar, outros falam pouco, já outros tem olhos bem abertos, enxergam longe e falam pelos cotovelos. Assim, as diversas faces de MACABEÇA devem ser mais estudadas, para poder entender o que os jovens pensam. (**Pérola**)

4 Achados da Pesquisa: Algumas considerações acerca dos dados produzidos

Analisando de forma global os dados que tratam da relação entre as partes do corpo do boneco simbólico e as características dos grupos de jovens, identificamos quatro linhas de pensamento no grupo. A primeira linha, que denominamos **grupo cabeça da imaginação**, na qual os jovens buscam a descontração e novas experiências, aqui, as ideias que surgem, favorecem as emoções e outras partes do corpo, ajudam o jovem a ter atitude e melhorar o seu relacionamento com o grupo; a segunda linha, **grupo mente boa**, em que os jovens se atraem com ou sem objetivo comum, aqui, eles têm consciência de suas singularidades e diversidades de mentes, esse grupo alivia o sofrimento daqueles jovens que têm algum tipo de deficiência física, tem alguma parte do corpo que não funciona igual a do outro; a terceira linha, **grupo mãos de jovens**, na qual as mãos são os olhos dos jovens, eles se tocam sem medo nem preconceito, e é através do toque que eles se conhecem e





imaginam suas identidades; na quarta linha, **grupo boca livre**, os jovens expressam seus pensamentos através da fala.

Outros achados relevantes dizem da pluralidade conceitual do **SER JOVEM**, onde são descritos diferentes tipos de jovens: o jovem **radical**, ligado em tudo a sua volta; o jovem **comunicativo**, que troca conhecimentos através da comunicação; o jovem **observador**, que, através da fala, transforma o conhecimento de hoje em coisa boa para o futuro. Em síntese, os jovens produzem suas identidades através dos conflitos que vivenciam no grupo.

Os achados da pesquisa também problematizam a realidade atual da juventude que se envolve com a criminalidade. Nesse contexto, tais jovens sofrem discriminação e preconceito, principalmente por viverem no mundo da prostituição e das drogas. Enfatizam que esses jovens precisam ser ajudados para superar esse estado de coisas. Nesse sentido, é fundamental que, através dos estudos e do trabalho, eles consigam um lugar na sociedade.

Os achados também apresentam a relação entre o boneco e os grupos de jovens expressa através das diferenças tanto físicas quanto psicológicas. Entretanto, pontuam que a interação no grupo neutraliza as diferenças individuais entre os jovens.

Através dos conceitos produzidos no grupo, inferimos a existência de muitos e diversos tipos de jovens e de grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais e que, de certa forma, são globalizados. Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão, culturas juvenis com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si. Até porque, e conforme bem acrescenta ABRAMOVAY (2002), em função das diferenças sociais e de parâmetros concretos, como o dinheiro, a educação, o trabalho, o lugar de moradia, o tempo livre, entre outros, a condição juvenil é vivenciada de diferentes maneiras. Logo, finalizamos, observando que a definição da categoria juventude em hipótese alguma pode ser a mesma para todos aqueles que nela estão enquadrados, pois, ao contrário, o que a realidade social



nos demonstra é que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina**: Desafios para políticas públicas. Brasília - DF: UNESCO, BID, 2002.

CASTRO, M. G. Pesquisas da UNESCO sobre juventudes no Brasil. In: NOVAES, R.; PORTO, M.; HENRIQUES, R. (Orgs.). **Juventude, Cultura e Cidadania**. Rio de Janeiro: ISER, 2002, edição especial.

COSTA, Hercilene Maria e Silva. Produzindo Saberes Mestiços: O Círculo de Cultura como Possibilidade de Interação entre a Academia e a Comunidade. **Entrelugares**, 2008, v. 1, n. 1. www.entrelugares.ufc (site disponível).

CHAVES, Emanuelle Karenine Mota. As bagagens do corpo. **Entrelugares**, 2009, v. 2, n. 1. www.entrelugares.ufc (site disponível).

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética**: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Ed. Escola Anna Nery - UFRJ, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 102p.

